

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://orcid.org/0000-0002-1311-933X>

O ETERNO RETORNO DO NADA: UM BREVE RELATO DE COMO ABRACEI O ABSURDO

Diêgo Costa Silva¹

“Life's but a walking shadow, a poor player
That struts and frets his hour upon the stage
And then is heard no more: it is a tale
Told by an idiot, full of sound and fury,
Signifying nothing”²
Shakespeare – Macbeth, Ato V, Cena V

¹ Mestrando no Mestrado Profissional de Filosofia pelo PROF-FILO, Núcleo IF Sertão Pernambucano. E-mail: diego.costa1@aluno.ifsertao-pe.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1311-933X>.

² Shakespeare, [s.d.], Ato V, Cena V, Tradução livre: “A vida nada mais é do que uma sombra andarilha, uma pobre intérprete que se pavoneia e se inquieta por uma hora no palco, e então nada mais se ouve: é um conto narrado por um idiota, cheio de som e fúria, significando nada”.

Não é do meu feitio falar de mim. Tal qual o pássaro azul de Bukowski³, cuido zelosamente para me apresentar tal qual um animal doente, domesticado, melhorado (Nietzsche, 2017, p. 69) ante a sociedade moderna, sem deixar escapar aí determinadas partes do meu fragmentado e atualizado *self*⁴. Destarte, não me é fácil escrever estas linhas, ainda mais quando acho que nada de relevante possa sair daí. Sou um homem medíocre, numa vida medíocre e de medíocres pensamentos⁵ – um cristão, pois, deveria me dizer: “- deus haverá de te vomitar de sua boca!” (Bíblia, Apocalipse, 3:16). À parte essas lamúrias proclamadas – não fundamentadas, todavia, em falsa modéstia, mas condizentes com parte do canto verídico de meu pássaro azul – , devo assumir a presente tarefa de relatar este memorial como parte de uma avaliação externa a que estou submetido.

Venho de origem humilde e esta me pesou fortemente

³ Um dos trechos que mais gosto desse poema, e que representa bem o início desse memorial, é: “then I put him back,/but he’s singing a little/in there, I haven’t quite let him/die/and we sleep together like/that/with our/secret pact/and it’s nice enough to/make a man/weep, but I don’t/weep, do/you?”. (Bukowski, 1995, p. 211). Tradução livre: “Então o coloco de volta, mas aí está a cantarolar baixinho; ainda não o deixei morrer completamente. Assim dormimos com nosso pacto secreto. E é bom o suficiente para fazer um homem chorar, mas eu não choro. Você chora?”.

⁴ Termo este que pego emprestado de David Hume. Cf. Marcondes, 2011, p. 101-2.

⁵ Nietzsche, 2006, p. 192: “332 – A má hora: Deve ter havido para cada filósofo uma hora má em que pensou: ‘Que importância posso ter, se não acreditam também em meus maus argumentos?’ – E então um pássaro malicioso, passando ao lado dele, se pôs a gorjear: ‘Que importância tens? Que importância tens?’”.

quando de todo percurso social que travei até o momento desta escrita. Assim como o negro é sobredeterminado pela exterioridade (Fanon, 2008, p. 108), o pobre também é sobredeterminado e julgado no mundo capitalista por sua falta de recursos visuais aparentes, falta esta facilmente percebida pelos bens que possuímos e deixamos de possuir em nossa trajetória histórica, servindo estas muitas coisas e objetos de testemunhas oculares de sua [o pobre] inaptidão para entrar no Reino dos Céus (Protestantismo⁶).

⁶ “Não o trabalho em si, mas o trabalho profissional racional, é isso exatamente que Deus exige. A ênfase da idéia [sic] puritana de profissão recai sempre nesse caráter metódico da ascese vocacional, e não, como em Lutero, na resignação à sorte que Deus nos deu de uma vez por todas. [...] — mas inclusive a mudança de profissão não é de forma alguma encarada como algo em si condenável, desde que não se faça de forma leviana e sim para abraçar uma profissão mais agradável a Deus, ou seja, segundo o princípio geral, uma profissão mais útil. E antes de mais nada: a utilidade de uma profissão com o respectivo agrado de Deus se orienta em primeira linha por critérios morais e, em seguida, pela importância que têm para a ‘coletividade’ os bens a serem produzidos nela, mas há um terceiro ponto de vista, o mais importante na prática, naturalmente: a ‘capacidade de dar lucro’ lucro econômico privado. Pois se esse Deus, que o puritano vê operando em todas as circunstâncias da vida, indica a um dos seus uma oportunidade de lucro, é que ele tem lá suas intenções ao fazer isso. Logo, o cristão de fé tem que seguir esse chamado e aproveitar a oportunidade. ‘Se Deus vos indica um caminho no qual, sem dano para vossa alma ou para outrem, possais ganhar nos limites da lei mais do que num outro caminho, e vós o rejeitais e seguís o caminho que vai trazer ganho menor, então estareis obstando um dos fins do vosso chamamento (*calling*), estareis vos recusando a ser o administrador de Deus (*steward*) e a receber os seus dons para poderdes empregá-los para Ele se Ele assim o exigir. Com certeza não

Sempre senti essa necessidade de ter, mas também sempre entendi que ela me era uma imposição externa, uma tentativa funesta do espírito geral de dobrar a minha vontade à sua. Nunca consegui construir durante a vida adulta aquele caminho que desejei durante os idos de minha infância, algo num todo romântico, *à la* jovem Werther, que beirasse o eremita bucólico, isolado em seu pedaço de terra, na terra de seus ancestrais, que pouco possuísse, pois sabia que quem menos possui, tanto menos se é também possuído.⁷ Esse projeto de mim mesmo vem por água a baixo. Parte mais de uma ideologia pessoal, sem lugar no mundo da práxis; a certa e bem dita utopia⁸. Sou traído pelas minhas concupiscências; Platão (2000, p. 58-60) diria que o cavalo doente da minha alma travou um bom combate contra o cavalo sadio da razão, colocando toda a carruagem para baixo, sem poder alcançar o caminho dos deuses. Que seja! Não me importam os deuses. Tal como Ulisses, meu destino é com os homens, na minha Ítaca, com a minha Penélope. Se não estive à minha mão fazer o mundo à minha maneira (*fortù*), dei o meu jeito, fiz o que pude (*virtù*). Nas breves linhas a seguir, é o que tentarei demonstrar.

Casei cedo, aos dezoito anos. Como não tinha apoio fa-

para fins da concupiscência da carne e do pecado, mas sim para Deus, é permitido trabalhar para ficar rico”’. (Weber, 2004, 147-8).

⁷ “Ainda está livre, para as almas grandes, uma vida livre. Na verdade, quem pouco possui, tanto menos será possuído: louvada seja a pequena pobreza!” (Nietzsche, [s/d], p. 47)

⁸ Utopia vem do grego οὐτόπιος, sendo "οὐ" (prefixo de negação) e "τόπιος" (lugar); logo, significa etimologicamente um “não lugar”.

miliar, o fiz às escondidas. Essa minha conduta insensata e juvenil me forçou então a buscar trabalho. Habitante de Jaguarari-BA, iniciei o caminho de terror na cidade de Filadélfia-BA. Lá dava aulas de música: violão e violino. Como o salário era pouco, e as condições de ensino precárias, migrei, assim que tive oportunidade, para fazer um curso técnico junto à Mineração Caraíba, distrito de Pilar, também em Jaguarari, a 82 Km de casa. Por um ano, eu e alguns amigos pegávamos juntos carona diariamente, para irmos estudar durante a parte teórica do curso. Quando chegou o tempo do estágio, eles foram morar no distrito, mas eu continuei o deslocamento sozinho. Como agora estava ganhando um pouco melhor, usava de meus recursos financeiros, sem direito a auxílio transporte, para pegar o defunto ônibus da São Luiz para ir trabalhar. O ano era 2013. Fiz o curso inteiro, o que considereei uma vitória, já que muitas vezes deliberei por sair, mas os custos não me deixaram fazer. Como sofri assédio em todos os seis meses de estágio⁹, larguei a faculdade de Ciências Sociais na UNIVASF, que fazia durante o turno noturno na cidade de Juazeiro, após um dia inteiro de trabalho, e usei todo o tempo livre que tinha para estudar para o ENEM. Na minha sede de justiça, rumei para o Direito. Consegui a nota necessária: fiquei na segunda colocação, das únicas três vagas

⁹ Eu fiz denúncia contra trabalhadores antigos, que estavam – por detrás do conhecimento de uma colega minha, também estagiária – falando, dentre outras coisas, que ela era fácil por já ter filhos, e simulavam em detalhes sobre terem relações sexuais com ela. Após minha denúncia, nada ocorreu com os técnicos e minha vida ficou muito difícil na empresa, sendo até colocado para abastecer e descarregar caminhões de lixo, sem as proteções devidas.

ofertadas na ampla concorrência. Mudei-me para Jacobina e fui residir na casa da UNEB, junto a outras 17 pessoas, divididas entre homens e mulheres. No mesmo tempo, também passei no concurso municipal da Câmara de Senhor do Bonfim. Com essa reviravolta, então eu deveria estar contente, como na canção “Ouro de Tolo” do saudoso Raul Seixas: passei em um curso universitário dos mais concorridos e difíceis de se passar na região, com uma nota bastante alta, em uma universidade conceituada, com vaga garantida na residência universitária... Em pouco tempo, essas conquistas para mim já não significavam muita coisa. A Caraíba era somente um fantasma agora, e à medida que o tempo passava, menos as dores do passado me constrangiam. Como disse antes, somos fragmentos, e o passado me era agora uma triste fotografia. Sinto que quando fora de mim está, o mundo é sempre luminoso, belo, desejável e agradável; mas quando os possuo, quando se integram à minha memória e à minha posse, tornam-se corrompidos. O velho iluminado Schopenhauer (2017, p. 95), quanto à minha vida, posso dizer que foi muito certo e feliz, quando afirmou que “A vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio [...]”. Os homens exprimiram isto de uma estranha maneira: depois de terem feito do inferno o lugar de todos os tormentos e de todos os sofrimentos, o que ficou para o céu? Justamente o tédio”. As pessoas ao meu redor afirmam que sempre estou insatisfeito e que isso é ingratidão. Não nego que seja, eu sou mesmo ingrato a deus, a começar pelo fato de eu o ter matado de meus pensamentos há um bom tempo (que minha mãe nunca saiba disso, ou morrerá de desgosto!), mas se todo o universo e toda a vida e todas as pessoas... se tudo não passar de um sonho, um sonho

sonhado por um anjo mal, e posto em mim como uma peça de comédia... bem, devo confirmar o que Descartes brilhantemente afirmou: o eu é uma verdade, pois o pensar é o reflexo do ser. E se nossos pensamentos são reflexos de nosso ser, então não posso deixar de prestar atenção quando esse eu dentro de mim, esse eu diferente e, ao mesmo tempo, idêntico a mim mesmo, esse eu muitas vezes inacessível à minha consciência, ele mesmo gritava e chorava em minhas entranhas, quando estava naquelas salas de aula, ouvindo sobre diferença entre pessoa jurídica e pessoa física; teoria monista vs teoria dualista; diferença entre ato e fato jurídicos; natureza jurídica do nasciturno e as teorias natalista, condicionalista e concepcionista etc., etc., etc. Eu odiava estudar Direito. Por vezes me refugiei em Nietzsche, Sêneca, Kierkegaard e até mesmo em Freud. Muitas vezes também rumava para a casa de meu amigo Erenilson Barbosa, responsável por resgatar publicamente a memória do intelectual negro bonfinense Antônio Vieira¹⁰. Ali, atônito, o ouvia discursar de forma ímpar sobre as nossas mazelas sociais, o discurso marxista afiado, a mística judaica, Pierre Bourdieu etc. Mas o que me fez mudar tudo não foi minha volição ou uma “consciência iluminada”; na verdade, foi o meu fim, que se me tornou

¹⁰ Nilson (2018, p. 14) levanta os seguintes problemas para entender a trajetória de Vieira: “como um homem negro, do quilombo, em pleno sertão nordestino, nascido em 1937 e de origem humilde, alcançou o status de professor universitário fora do Brasil? Mesmo pertencendo a uma família de lavradores e analfabetos, como esse homem rompeu os obstáculos do racismo em uma época tão recente da escravidão no Brasil? Em que a trajetória de Antônio Vieira pode contribuir para o entendimento da presença tímida dos negros como intelectuais e cientistas nas universidades?”.

um novo começo: minha então esposa me pediu o divórcio.

Esse foi um período de trevas na minha vida, do qual me lançou em depressão profunda naquele período. É óbvio que não sou mais aquele Diêgo já faz bastante tempo. Tanto isso é verdade, que me é estranho saber que já tenho 30 anos; às vezes me pergunto “mas o que eu fiz nesse interstício? Onde eu deixei esses anos, que nem os vi passar?”.

Minha vida parecia fazer parte de um capítulo de Hamlet: havia algo de podre no Reino da Dinamarca, e eu precisava lidar com isso de alguma maneira, o mais rápido que pudesse. Toda uma vida precisou ser reelaborada, ressignificada, reeditada. Largo o Direito, mas também largo muitas outras coisas que gostava de fazer, muitas delas as quais nunca mais consegui retomar a prática. Entro numa depressão profunda e posso dizer sem medo de errar que entendi literalmente a velha máxima de meu amigo Nietzsche (2001, p. 89): “Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti”. Encontrei parte de meu refúgio na Filosofia; desse período também corresponde o pouco que sei da língua japonesa¹¹.

¹¹ Estudei ao longo de dois anos e acabei por esmorecer. À época já estava estudando materiais para o JLPT-3, de um total de cinco níveis. Infelizmente posso dizer que fiquei para trás, mas ainda hoje consigo comunicar o básico, como isto: 「おはようございます、みんな。哲学の教師、ディエゴ・コスタです。私はブラジル人ですが、日本語は上手ではありません。間違いを犯したときは助けてください。」 (Romanji [caracteres latinos]: Ohayougozaimasu, min'na. Tetsugaku no kyoushi, Diego Costa desu. Watashi wa burajirujin desu ga,

Um amigo¹², então, foi quem me orientou a ir cursar Filosofia em uma faculdade EAD mesmo. Como estava parado desde que decidi por largar o Direito, decidi fazer. Esse mesmo amigo foi quem me levou para fazer o concurso de efetivo e o processo seletivo do SEC-BA, ambos em 2022. Passei em ambos, mesmo sem conseguir estudar nada em face à depressão. E quando eu pedi fim de lista na convocação do SEC-BA, por ainda estar no início do curso de Filosofia, e comecei o meu estágio em fevereiro de 2024, foi também ele quem pagou minha inscrição para o concurso do IF Baiano. Como estava atarefado com o estágio, e na corrida para conseguir o diploma antes de nova convocação, eu não dei importância para esse concurso; na minha cabeça, era certo que não tinha chance alguma, já que não tinha sequer concluído minha licenciatura à época da prova. Pois é, hoje faço parte do quadro de professores efetivos do IF Baiano, lotado no campus de Guanambi, e isso graças aos amigos virtuosos que tenho. Mesmo minha entrada no mes-

nihonho wa jouzu dewa arimasen. Machigai wo okashita toki wa tasuketekudasai) Tradução livre: “Bom dia a todos. Sou Diêgo Costa, professor de Filosofia. Sou brasileiro e meu japonês não é bom. Caso eu erre, ajude-me, por favor”. Quanto à filosofia japonesa, cheguei a estudar Miyamoto Musashi e introduzi Kitaro Nishida, erudito filósofo e matemático ligado à criação da Escola de Quioto, por meio de seu livro “Ensaio Sobre o Bem”.

¹² Sei que citar nomes de amigos aqui é um problema. Inclusive refiz parte desse memorial retirando aqueles a quem tinha homenageado no corpo do texto, por entender que, sendo uma seção da minha vida, privilegiaria alguns nomes, e outros, importantes em outras áreas, ficariam secundarizados.

Re(senhas)

trado profissional do PROF-FILO, núcleo do IF Sertão Pernambucano, se deu por via daquele que amo com amor φιλία (philia).

Não sei dizer qual o tamanho das minhas conquistas, já que tenho a tendência de minimizá-las; mas o que mais odeio nessa minha escrita é o pronome possessivo “meu” e suas variáveis. Não sinto de forma alguma que o que consegui seja unicamente meu. Para voltar a Maquiavel, reconheço sim que há muito de *virtù*, mas virtude apenas não é suficiente, como bem demonstrou o exemplo de César Borja. Foi preciso amor, parentes, amigos... e sobretudo sorte. A deusa Fortuna operou em meu favor. Bendita sois vós entre as mulheres!¹³

A Filosofia

Num mundo assombrado pelos demônios, para fazer menção honrosa à obra de Carl Sagan, a Filosofia me serviu de luz. Mas não quero dar-lhe esse tom religioso que a metáfora parece querer lhe emprestar como que à força. Para não a romantizar, afirmo de antemão que a Filosofia não salva, não resolve os problemas da vida e não dá sentido a nada. Sempre quem o faz é o humano, e sempre que o desejar [dar sentido ao nada], o fará de mil e diversas formas, não precisando se corresponder necessária ou suficientemente com a “amante da sabedoria”¹⁴. A gente é quem sai jogando na vida sentido onde

¹³ Heresia.

¹⁴ Do grego Φιλοσοφία (filosofia) literalmente "amor pela sabedoria", cuja criação do termo é atribuída a Pitágoras de Samos.

não tem, a começar pelo próprio emprego das palavras. Mas não quero desenvolver esse debate aqui. Mister é deixar fixado à priori que a Filosofia é uma de outras tantas formas de conhecimento; e que se ela preenche o vazio de fulano, a ciência preenche o do sicrano e a religião preenche o de beltrano. E se posso afirmar que a religiosidade de Malcolm Little, que o tirou de suas prisões físicas e mentais e o transformou de um arrombador de casas em Malcolm X, um dos maiores defensores dos direitos civis dos negros na história dos Estados Unidos da América¹⁵, não posso, todavia, afirmar que essa experiência de vida, por mais fantástica e espetacular que seja, possa ser universalizada e aplicada a todos os indivíduos humanos, como se houvesse uma verdade universal apenas à espera de ser encontrada por alguém. Aliás, a respeito da verdade, prefiro a resposta de Pôncio Pilatos a Jesus¹⁶, que havia lhe dito ter vindo ao

¹⁵ MALCOLM X, 1992, p. 167: “O teste mais difícil que já enfrentei na vida foi rezar [...] /Mas curvar meus joelhos para rezar – esse ato – exigiu-me pelo menos uma semana. /Já descobriram como tinha sido minha vida. Pegar uma gazua para arrombar a casa de alguém era a única ocasião em que meus joelhos antes se dobravam. /Eu tinha de fazer um tremendo esforço para dobrar os joelhos. E ondas de vergonha e constrangimento me forçavam a ficar em pé novamente. Para o mau, dobrar os joelhos, admitir sua culpa, implorar o perdão de Deus, é a coisa mais difícil do mundo. É fácil para mim compreender e dizer isso agora. Mas naquela ocasião, quando eu era a personificação do mal, a coisa foi terrível. Vezes sem conta, eu me forçava a ficar na postura da prece a Alá. Quando finalmente consegui assumi-la sem me erguer imediatamente... descobri que não sabia o que dizer a Alá”.

¹⁶ Nietzsche (2002, p. 42), em *O Anticristo*, também faz menção a essa passagem, nos seguintes termos: “– Preciso acrescentar que, em todo

mundo para testificar da verdade, e que todos aqueles que são da verdade (re)conhecem a sua voz; ao que o governador romano lhe respondeu: “Que é a verdade?” (BÍBLIA, João 18:37-38). Não creio na verdade, tanto quanto não creio na felicidade enquanto um ente objetivamente válido. Relembrando uma leitura de Popper, veio-me à cabeça um trecho muito interessante que faço questão de citar:

“Para nós”, diz Reichenbach, “o princípio da indução é o meio pelo qual a Ciência decide acerca da verdade. Mais precisamente, deveríamos dizer que ele serve para decidir acerca da probabilidade, pois não é dado à Ciência chegar seja à verdade, seja à falsidade (...) mas os enunciados científicos só podem atingir graus sucessivos de probabilidade, cujos **inatingíveis** limites, superior e inferior, são a verdade e a falsidade” (Reichenbach, 1930, p.186 *apud* Popper, 2008, p. 30, grifos meus)

Tente raciocinar comigo: se a verdade é inatingível no pensamento científico, se nunca podemos estar certos dela, se ela é

o Novo Testamento, não aparece senão uma única figura merecedora de honra: Pilatos, o governador romano. Levar assuntos judaicos a sério – ele estava muito acima disso. Um judeu a mais ou a menos – que isso importa?... A nobre ironia do romano ante o qual a palavra ‘verdade’ foi cinicamente abusada enriqueceu o Novo Testamento com a única passagem que tem qualquer valor – que é sua crítica e sua destruição: ‘Que é a verdade?’...”.

mais uma bússola, um princípio, do que um fato concreto, se a verdade é como pensava Protágoras: a medida do próprio homem¹⁷, não posso crer que essa subjetividade, que essa coisa que nunca pode ser atingida, sequer tangenciada, deva ser um objeto de busca, muito menos de guia – pois como me guiarei por algo que nunca foi sequer falado/dito? A propósito, Parmênides aqui me serve parcialmente: o não dito sequer pode ser pensado!¹⁸ Mas antes de prosseguir, permita-me fechar logo esse lance da verdade: para não dizer, como Reichenbach, que ela é inalcançável, penso que no campo da linguagem e da lógica podemos ver relações de variáveis que nos dão essa certeza, em que pese isso não poder se expandir para além dessa moldura léxica. Um exemplo: se afirmo que o céu é azul, você pode olhar para aquilo que chamamos de céu (exatamente! sem metafísica por aqui, essa fantasia medieval arcaica e quase rupestre) e ver se há uma correspondência com a coloração que aplicamos o nome de azul. Havendo correspondência, dizemos que o enunciado é verdadeiro. No campo da lógica, podemos

¹⁷ “Sócrates – Talvez tua definição de conhecimento tenha algum valor; é a definição de Protágoras; por outras palavras ele dizia a mesma coisa. Afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem. Decerto já leste isso?” (PLATÃO, [s.d.], p. 11)

¹⁸ “2. E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro [diz] que [o ser] é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não é – isto é impossível –, nem expressá-lo em palavra. 3. Pois pensar e ser é o mesmo”. (Marcondes, 2011, p. 13)

devotar nossa atenção para as premissas condicionais, fundamentais para a construção de hipóteses no campo da Ciência¹⁹, que sempre são verdadeiras quando a premissa antecedente é falsa, e no caso de a antecedente ser verdadeira a sentença só o será quando o conseqüente também for verdadeiro; assim, por dedução, criam-se em conseqüência os métodos Ponens e Tollens²⁰. Usando-se tais métodos dedutivos, conseguimos concluir de uma premissa inicial válida (*e.g.*, **p** - se chover, **q** - não irei à praia) que, olhando para a realidade concreta, material, constatando-se que choveu (**p**), devo inferir uma única conclusão possível: logo, **q** (não fui à praia). Aqui há verdade, na correspondência do mundo com a palavra. Para além disso, estamos no mundo das contingências e relativismos - nada de absoluto pode vir daí; se alguém o diz, ou é mentiroso ou ignora a natureza desse ente metafísico chamado verdade²¹.

¹⁹ “Há várias maneiras de formular hipóteses, mas a mais comum é ‘Se x , então y ’, onde x e y são variáveis ligadas entre si pelas palavras ‘se’ e ‘então’”. (Lakatos & Marconi, 2003, p. 128).

²⁰ O método Ponens afirma o antecedente, sendo necessário concluir também o conseqüente: 1 - Se **P**, então **Q**. (*Premissa*); 2 - **P**. (*Premissa*); 3 - Logo, **Q**. (*Conclusão*). O Tollens parte do contrário, e a partir da negação: ou seja, nega-se a conclusão, negando-se o antecedente: 1 - Se **P**, então **Q**. (*Premissa*); 2 - Não (\sim) **Q**. (*Premissa*); 3 - Logo, não (\sim) **P**. (*Conclusão*).

²¹ Nada tenho contra o uso pelo senso comum desse termo, uma vez que no dia a dia a precisão léxica é deixada de lado para dar lugar a uma comunicação mais direta e efetiva quanto a seus objetivos, diferentemente do recurso da língua em cunho científico, que é o que trato aqui. Só um idiota acreditará, *e.g.*, que um ateu, quando fala “graças a Deus” ou coisas do gênero, estaria aí agindo em ato falho,

Voltando ao ponto da romantização da Filosofia. Encontrei aqui meu modo de ser e de viver; sinto-me como uma borboleta deve se sentir fora do casulo, ou um passarinho que escapou da gaiola e recuperou sua liberdade, ou o chimpanzé em seu habitat natural, longe da galhofa e escravidão humanas. A liberdade é mesmo “um pressuposto necessário para a realização do indivíduo naquilo que ele deseja ser” (Araújo Neto, 2011, p. 81). Amo a Filosofia, e isso é amar os homens e mulheres históricos que estão envolvidos com a criação, destruição, reconstrução e consolidação desse saber, tudo isso em uma lógica dialética que remonta aos antigos, num ciclo infinito de ser e não-ser, assim como Heráclito afirmava que “36. Para as almas (*psychai*), morrer é transformar-se em água, para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água a alma” (Marcondes, 2011, p. 16). Se ψῦχῆ (*psychê*) significa sopro vital, espírito de vida, a coisa que anima os seres, sendo seu motor, então a Filosofia assumiu em mim a condição de alma. Se a alma, para Heráclito, está constantemente morrendo e nascendo, numa relação dialética que lhe é intrínseca, então esse saber em mim sempre deverá não-ser, sempre fugirá da verdade e perfeição, sempre buscará o saber, até porque o amor é carente do belo, sendo da natureza mitológica do filósofo a carência de conhecimento.²² Aquele que sabe, o detentor

afirmando *a contrario sensu* a soberania desse Ser onipresente e onisciente.

²² “- É um tanto longo de explicar, disse ela; todavia, eu te direi. Quando nasceu Afrodite, banquetevam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou

pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar - pois vinho ainda não havia - penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio ele recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis com efeito o que se dá. Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio - pois já é -, assim como se alguém mais é sábio, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância, no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, nem inteligente, que lhe basta assim. Não deseja portanto [*sic*] quem não imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso. “- Quais então, Diotima - perguntei-lhe - os que filosofam, se não são nem os sábios nem os ignorantes?

“- É o que é evidente desde já - respondeu-me - até a uma criança: são os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa dessa sua condição é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre. É essa então, ó Sócrates, a natureza desse gênio; quanto

da verdade, do absoluto, é um sábio ou um deus.

Não sou, contudo, um “cético dogmático” – isso, inclusive, seria um paradoxo. Já afirmei que a verdade existe enquanto um requisito da lógica. O ceticismo deve servir como uma âncora para não cairmos no laço do dogmatismo e de nos tornarmos incapazes de viver a fluidez da alma filosófica, que como disse mais acima: nunca é! Nada impede, por sua vez, que tenhamos uma verdade ou um dogma provisórios, assim como Descartes propôs uma moral provisória²³, é desta forma que a Filosofia me serve de cajado nesse mundo de estradas tão pedregosas e espinhentas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO NETO, J. A. C. *O contratualismo na perspectiva crítica de Hegel*. Intuitio, Porto Alegre, vol. 4, nº 1, p. 75-90, julho 2011. Disponível em:

ao que pensaste ser o Amor, não é nada de espantar o que tiveste. Pois pensaste, ao que me parece a tirar pelo que dizes, que Amor era o amado e não o amante; eis por que, segundo penso, parecia-te todo belo o Amor. E de fato o que é amável é que é realmente belo, delicado, perfeito e bem-aventurado; o amante, porém é outro o seu caráter, tal qual eu expliquei”. (Platão, 2003, 36-37).

²³ “Da mesma maneira, para não hesitar em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a fazê-lo, em meus juízos, e a fim de continuar a viver desde então de maneira mais feliz possível, concebi para mim mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas [...]” (Descartes, [s.d.], p. 14)

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/7729/6387>. Acesso em: 23 abr. 2025.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Corrigida e Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ap/3>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BUKOWSKI, Charles. *The Last Night of the Earth Poems*. Santa Rosa: Black Sparrow Press, 1992.

DESCARTES. *Discurso do Método*. Trad. Enrico Corvisieri. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/> [s.l.] [s.d]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201026221745/http://revistaliteraria.com.br/PlataoOBanquete.pdf>. Acesso em 23 abr. 2025.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALCOLM X. *Autobiografia de Malcolm X: com a colaboração de Alex Haley*. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MARCONDES, D. *Textos básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NIETZSCHE, F.W. *A Genealogia da Moral* (textos filosóficos).

Re(senhas)



Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. E-book.

NIETZSCHE, F.W. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Marcos Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2001.

NIETZSCHE, F.W. *Assim Falou Zaratustra: Um Livro para Todos e para Ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F.W. *A Gaia Ciência: texto integral*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo*. Trad. André Díspreo Cancian. Ciberfil Literatura Digital, 2002. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000245.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 6 ed. Lisboa, Portugal: Guimarães Editores. 2000.

PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Homepage do grupo:

<http://br.egroups.com/group/acropolis/> [s.l.] [s.d.]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000068.pdf>. Acesso em 18 abr. 2025.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Sem menção. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/> [s.l.]: VirtualBooks, 2003. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201026221745/http://revistaliteraria.com.br/PlataoOBanquete.pdf>. Acesso em 23 abr. 2025.

POPPER, K. *A Lógica da Pesquisa Científica*. Trad. Leonidas Heigenberg e Octanny Silveira da Mota. 16^a. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

SCHOPENHAUER, A. *A Metafísica do Amor e Outras Reflexões*: trechos selecionados da obra de Arthur Schopenhauer Trad. Fernandes Costa, revisada e atualizada por Frater Sinésio. Organização e prefácio de Rafael Arrais. Ebook. Textos para Reflexão, 2017.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Disponível em: <https://shakespeare.mit.edu/macbeth/full.html>. Acesso em: 18 abr. 2025.

SILVA, E. B. *Antônio Vieira: Cantos, Encantos e Desencantos da Alma*: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no processo de ascensão social? Orientador: Dr. Claudio Roberto de Almeida. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro, Bahia-BA, 2018. Disponível em: <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000015/0000154a.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Re(senhas)



WEBER, M. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo: António Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Submetido em Abril de 2025

Aprovado em Maio de 2025

Re(senhas)

